Aula 5

NOVAS FORMAS DE PENSAR O BRASIL (I)

META

Entender porque a década de 30 propiciou o surgimento das chamadas “grandes interpretes da realidade brasileira

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreendido o papel das Faculdades na Construção da historiografia brasileira, e no segundo entender as razões do contexto do denominado “momento marcantes e as principais obras de destaque”.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo da aula anterior.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Querido aluno/Querida aluna,

Com esta aula, chegamos à metade do nosso percurso. Em função disto, faço-lhe um convite. Ler e refletir sobre uns versos da professora/poetisa Sônia Maria Leite Nikitiuk, selecionados de "Ensino de história: algumas reflexões sobre a apropriação do saber". Então vamos ler?

O universo do historiador está em franca expansão,
O universo da História parede indeterminado.
E como fica o universo da Academia?
E o universo do professor?
E o aluno tem universo?

Só uma coisa é certa: é preciso buscar.
Buscar é saber olhar pela janela.
Buscar é descobrir horizontes.
Buscar é saber ler as fontes
Buscar é também narras, registrar.
É assim que se faz a História.
....

Olhe o mais longe que puder,
Verá que a janela não comporta todo o horizonte.
Por isso corra o risco de pular no horizonte.
E assim encontrar rumos, saberes e fazeres (NIKITIUK) 2007 pp 10-11)

Destaque e releia a frase "buscar é saber ler as fontes". Em se tratando de fontes, você sabia que as referências e a bibliografia dos trabalhos científicos são nominadas de Historiografia? Sim, porque, de acordo com Amaral Lapa, "a produção intelectual dos historiadores sobre a realidade histórica" é Historiografia. Consequentemente, as obras historiográficas são fontes para a História.

Dando continuidade, hoje a nossa conversa em "busca de novos saberes e fazeres", trata da década de 30 do século XX, um dos momentos mais interessantes da Historiografia brasileira. Fascinante e estimulante porque neles desfilam fatos como: a revolução de 30. A reforma do ensino de Francisco Camos (1931), a fundação da USP (1934), o estado-novo (1937), etc.

Carlos Guilherme da Mota, em seu livro *Ideologia da Cultura Brasileira*, considera que os anos 30 foram decisivos na produção e reorientação da historiografia brasileira. E por quê?

A razão para ele e outros pensarem assim estaria no prefácio à quinta edição de Raizes do Brasil escrita por Antônio Cândido comentando sobre a influência deste livro "no processo de constituição das novas formas de se pensar o Brasil; os homens que estão hoje (1967) um pouco para cá ou

um pouco para lá dos cinqüenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil, sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freire; *Raízes do Brasil,* de Sérgio Buarque de Holanda (1936) e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior" (Cf, Paulo Miceli, 2001: 259).

BOA AULA!

COMENTANDO O SURGIMENTO DAS FACULDADES

A história da historiografia dos anos 30 tem dois percursos obrigatórios. O primeiro diz respeito à criação das Faculdades de Filosofia: a de São Paulo (1934) e a do Rio de Janeiro. O segundo diz respeito ao lançamento dos livros de Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Em se tratando do primeiro acontecimento, aqui apenas há o registro, porquanto escapa ao nosso objetivo – a realização de um exame retrospectivo sobre a contribuição dos cursos de História para a produção bibliográfica. Para um aprofundamento do assunto, recomenda-se a leitura do texto Itinerários do Ensino Superior de História do Brasil, de Itamar Freitas. Nele, o autor assinala: "no início dos anos 1970, um encontro internacional promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP foi lugar privilegiado para o balanço da historiografia brasileira". (FREITAS, 2006, pg 17). Neste encontro de historiadores renomados, Alice Canabrava faz a comunicação do seu "ROTEIRO SUSCINTO DO DESENVOLVIMENTO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA" ocasião em que "associa o IHGB à tradição empírica e as faculdades de filosofia e de ciência política ao advento da historiografia moderna" (FREITAS, 2006:17).

Afinal, o surgimento das faculdades teria contribuído em quê e para quê? De acordo com Francisco Iglesias, em relação aos objetivos e às funções das faculdades de filosofia, estas teriam sido criadas "sobretudo para formar professores do ensino secundário, bem pouco para o preparo do historiador. Exatamente essa característica faz com que as novas escolas, que representam momento no preparo do ensino, atendam bastante a uma de suas finalidades – formação de professores – e bem menos à outra – formação para o labor historiográfico. (Ed. Freitas, 2006: 18-19).

Considerando o tempo de criação das faculdades de filosofia – em especial a fundação do curso de História da USP – e o tempo deste colóquio de lá para cá, a contribuição do ensino universitário para a pesquisa e a bibliografia sobre a História do Brasil, é incontestável.

Por outro lado, é muito importante acentuar: "no Brasil, a história da historiografia ganhou status de disciplina nas faculdades de Filosofia, na passagem da década de 1950 para 1960, a partir da introdução de matérias teórico-metodológicas nos currículos dos cursos superiores de história, logo

após a instituição de geografia e história como licenciaturas independentes, contando com as pressões de profissionais congregados na ANPUH". (FREITAS, 2007: 16).

MOMENTOS MARCANTES

Não há exagero quando se denomina como "momentos marcantes" a publicação dos três livros que ora serão analisados. Marcantes, sim, mas não insuperáveis, tanto em relação ao texto quanto as obras. Até porque estas, tempos depois – como há de se ver – foram e são objeto de contestações e releituras. No contexto dos anos 30, sem dúvida causaram uma revolução. Nas palavras de Paulo Miceli, "além de assinalar, com precisão, um processo de nítida ruptura com o passado de nossa historiografia (Oliveira Viana, especialmente, e Alberto Torres), esses três livros exibem o fato de que a tarefa de pensar os problemas sociais a partir do passado – objetivo comum de seus autores – foi realizada externamente à Universidade, em desobediência a quaisquer cadeias de sucessão e mesmo de subordinação às famílias que, tradicionalmente, conformam e põem sob limites o saber acadêmico" (Miceli, 2001: 259).

(Fontes: http://educacao.uol.com.br).

Gilberto de Melo Freyre nasceu em Recife em 1900. Bacharel em ciências políticas e sociais pela Universidade de Baylor, Texas, em 1920, fez pós-graduação em ciências políticas, jurídicas e sociais pela Universidade de Columbia, também nos Estados Unidos. Faleceu em Recife, em 1987.

Gilberto Freyre revolucionou a historiografia. Ao invés do registro cronológico de guerras e reinados, ele passou a estudar o cotidiano por meio da história oral, documentos pessoais, manuscritos de arquivos públicos e privados, anúncios de jornais e outras fontes até então ignoradas. Usou também seus conhecimentos de antropologia e sociologia para interpretar fatos de forma inovadora.

Independente das interpretações e releituras Casa Grande e Senzala sempre será citado o relembrado como "um dos clássicos mais estavelmente clássico da literatura em língua portuguesa". Porque um clássico? Trata-se de "uma obra de interpretação do Brasil mais conhecida no país, mais traduzida e editada no exterior". [...] um texto científico e político; [...] "o seu estilo é oral, coloquial, como uma conversa informal entre o presente e o passado" (REIS, 1999: 52). Enfim, Casa Grande e Senzala "embora

enfocando a formação nacional a partir do desenvolvimento da região nordeste, "o texto resgata o diálogo com autores do passado e do presente, estabelecendo uma polêmica a respeito da questão racial, do determinismo geográfico e sobre o papel desempenhado pelo patriarcado na configuração da sociedade brasileira". (BASTOS, 2004: 217).

Afinal, quem é Gilberto Freire? Para José Carlos Reis ele é um autor criativo, sensível ao cheiro, à cor, ao ruído, ao amor, ódio, riso e ao choro. Para Peter Burke ele é um precursor da História Cultural posto que "em diversos trabalhos Freyre deu contribuições pioneiras à história do corpo, à história social da linguagem, à história social da linguagem, à história material (culinária, vestuário, arquitetura e mobiliário) etc." (BURKE, 2005: 98).

Por que se deve ler Gilberto Freire? Na opinião de Ilana Godsteim ele "permite múltiplas leituras. É um dos autores mais conhecidos (e atacados) das ciências sociais brasileiras.

Do ponto de vista teórico, efetuou uma ruptura, passando do paradigma racial para a cultura, ou seja, descartando as explicações biologizantes que vigoravam até os anos 20, para assumir explicações contextuais e históricas". (GOLDSTEIN, SD: 22).

Afinal qual a origem de Gilberto Freire? Nascido em Recife (1900) e falecido em 1987, filho de um juiz de direito e professor catedrático Alfredo Freyre e de D. Francisca de Mello Freyre uma senhora da aristocracia da cana de açúcar de Pernambuco, estudou nos Estados Unidos e na Europa dos 18 aos 24 anos. A propósito de sua formação intelectual, de escritor, sociólogo e antropólogo, em entrevista concedida ao jornalista Ricardo Noblat, este lhe indaga se o Brasil não lhe oferecia condições de estudo e pesquisa. Deixando evidente sua vaidade e nenhuma modéstia respondeu:

Não, de modo algum! Nem o Recife, nem o Rio, nem São Paulo. Não poderia ter me acontecido nada mais favorável do que ter tido essa formação no estrangeiro. Mas não creio que eu seja fruto dessa formação. Sou fruto, principalmente, do meu talento e talvez do meu-mais-que-talento foram completados por uma formação adequada que eu não poderia ter tido no Brasil, uma visão do ser humano que não teria adquirido senão tivesse saído do Brasil. (Cf. Coutinho, 1994: 95).

Dá para perceber o quanto Gilberto Freyre era vaidoso. Vale a pena conhecer a descrição da pesquisadora Maria Lúcia Garcia Palhares – Burke, autora de Gilberto Freyre – Um vitoriano nos trópicos, Freyre era "um nordestino vitoriano, um recifense inglês, que andava de paletó de tweed em pleno Brasil tropical". (GODSTEIN, SD: 25).

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

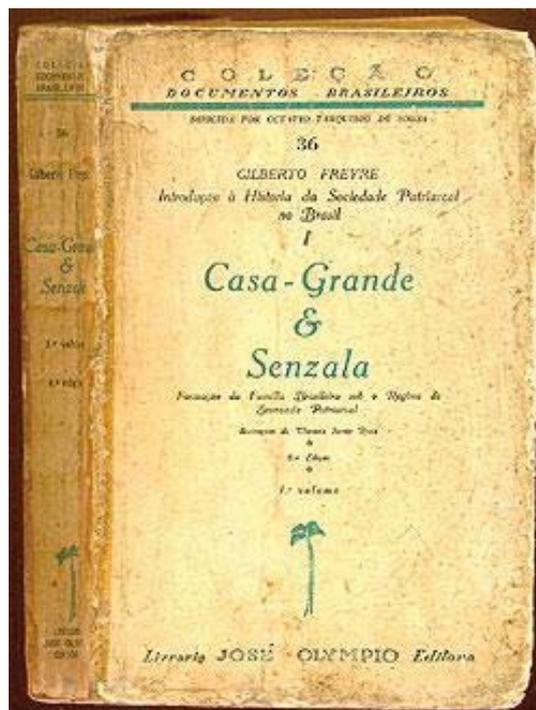
Mesmo desconhecendo as origens e o autor ou gerador dessa expressão certamente você já ouviu muitas e muitas vezes essa ou aquela manifesta-

ção a respeito da questão mito da democracia racial. Teria sido Gilberto o criador ou os seus escritos suscitaram tal interpretação?

Entende-se a tese da "democracia racial" como mito que funda uma consciência falsa da realidade. Ou seja, a partir dela acredita-se que o negro não tem problemas de integração, já que não existem distinções raciais entre nós e as oportunidades são iguais para brancos e negros (BASTOS, 2004: 233).

Em suma, a assimilação dessa tese pelo conjunto da população brasileira, funciona como cultura política e acaba se tornando em obstáculo para se enfrentar a questão racial no Brasil.

Em seu estudo Democracia racial, uma hipótese (artigo disponível em: http://www.fundaj.gov.br/tpd/128.html), Levy Cruz contesta que Gilberto Freyre haja mencionado com frequência "democracia racial".

Independe do teor da discussão, a tese recebeu duras críticas dos pesquisadores e militantes. Florestan Fernandes "acusou o mito da democracia racial de permitir às camadas dominantes manterem seus privilégios sem competição, nem confronto". Na mesma direção, Clóvis Moura argumentou que a idéia faz parte dos "mecanismos ideológicos de barragem aos diversos segmentos discriminados". (GOLDSTEIN, op.cit: 26).

Capa do Livro Casa Grande e Senzala 1º volume. É o primeiro livro de Gilberto Freyre. Abordagens inovadoras de vida familiar, dos costumes públicos e privados, das mentalidades e das inter-relações étnicas revelam um painel envolvente e deliciosamente instigante da formação brasileira no período colonial. Da arquitetura real e imaginária da casa-grande e dos fluxos e refluxos do cotidiano da família patriarcal, emergiram traços da convivência feita de intimidade e dominação entre senhores e escravos e entre brancos, pretos e índios que marcaram para sempre a sociedade brasileira. (Fonte: http://cidadesaopaulo.olx.com.br).

"[...] Foi o estudo de Atropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural.

Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio.

[...] No Brasil, as relações entre os brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século XVI condicionadas, de um lado, pelo sistema de produção econômica – a mono cultura latifundiária; do outro, pela escassez de mulheres brancas, entre os conquistadores.

[...] Na zona agrária desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semi-feudal – uma minoria de brancos e barncarões dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partido, os agregados, moradores de casas de taipa e de palha vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão.

[...] A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações – as dos brancos com as mulheres de cor – de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala".

(Trecho de Casa-Grande e Senzala, de Gilberto Freyre).

Ora, seja como for, nos anos 1940, Casa-Grande e Senzala seria festejadíssimo por imaginar em nossas origens uma "concórdia afetivizada".

Hoje, a leitura dessa obra continua na ordem do dia, mesmo que seja para discordar do seu conteúdo.

CONCLUSÃO

Continuando o balanço historiográfico, onde pontuamos as obras de maiores destaque, tratamos das interpretações, sobre o Brasil, produzidas na década de 30 do século XX. Nominamos esta fase de Momentos Marcantes. Foram ressaltados o surgimento e contribuição das Faculdades; e indicados três principais autores, dos quais apenas Gilberto Freyre foi abordado. Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda serão abordados na aula subsequente.

RESUMO

O Se a República (1889) nasceu sob o domínio do positivismo, a década de 30, segundo Carlos Guilherme da Mota será um período de redescoberta de outra história: assiste-se, a um só tempo, à ruptura com a linguagem positivista e com a visão estamental-escravista.

Em 1934, dá-se a criação das Universidades de São Paulo, e em 1935 no Rio de Janeiro. Os cursos de História vão formar profissionais; formar-se-ão grupos de autores de história de preparo especializado.

Em se tratando de Gilberto Freyre, o precursor da história cultural, dono de uma escrita elegante e autor dentre centenas de títulos de "Casa Grande e Senzala". Este não é unicamente um grande livro de sociologia brasileira, mas obviamente, um destaque da literatura nacional.

ATIVIDADES

Ler "O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro" capítulo do livro Casa Grande e Senzala. Elaborar um relatório do trabalho que deve conter 3 a 5 laudas textuais.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Dada a importância da obra Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre, um dos clássicos da nossa historiografia, foi solicitada a leitura do capítulo "O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro". Conhecer como se processava a vida sexual no Brasil colonial

PRÓXIMA AULA

Continuação e conclusão de novas formas de pensar o Brasil.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala) IN:in. MOTA, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil** – Um banquete no Trópico. (4ª Ed.)., org por Lourenço Dantas Mota, São Paulo: Editora SENAC, 2004.

BURKE, Peter. **Gilberto Freyre**: um precursor da História Cultura, em Nossa História, ano 21 nº 22, agosto, 2005.

COUTINHO, Edilberto. **Gilberto Freyre** (Nossos Clássicos nº 117) Rio de Janeiro: Agir, 1994.

FREITAS, Itamar. **Histórias do Ensino de História no Brasil.** (1890-1945). S. Cristovão: Editora UFS; Aracaju – Fundação Oviedo Teixeira, 2006.

________. **Historigografia Sergipana.** São Cristovão: – Se. Editora UFS, 2007.

GOLDSTEINS, Ilana Seltzer. A invenção do mito da democracia racial., iInN: **Revista Biblioteca Entre Livros**, Edição especial Nº 8, s/e.

NIKITIUK, Sônia M. Leite (org). **Repensando o Ensino de História**, 6ª edição – São Paulo, Cortez, 2007.

Paulo Miceli, Sobre Hisória, Braudel e os Vagalumes, A escola dos Annales e o Brasil (ou vice-versa) In: FREITAS, Marcos Cezar (org). , **Historiografia Brasileira em Perspectiva de Marcos Cezar Freitas** (orig) – 4ª edição . São Paulo, Contexto, 2001.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**? De Varnhagem a FHC. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.